

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

GABRIEL DA SILVA FIALHO

**Práticas religiosas e multiculturalidade no Egito Romano: uma abordagem a  
partir da cultura material**

São Paulo  
2023

GABRIEL DA SILVA FIALHO

**Práticas religiosas e multiculturalidade no Egito Romano: uma abordagem a partir da cultura material**

**Versão corrigida**

A versão original está disponível na Biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

Dissertação apresentada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de “Mestre em Ciências”. Programa: Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia Mediterrânea



---

Orientador: Prof. Dr. Vagner Carvalho Porto

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

da Silva Fialho, Gabriel  
Práticas religiosas e multiculturalidade no  
Egito Romano: uma abordagem a partir da cultura  
material / Gabriel da Silva Fialho; orientador  
Vagner Carvalheiro Porto. -- São Paulo, 2023.  
85 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação  
em Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e  
Etnologia, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Materialidade. 2. Culto imperial. 3. Práticas  
religiosas. 4. Egito Romano. 5. Multiculturalidade.  
I. Carvalheiro Porto, Vagner , orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:  
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

NOME: FIALHO, Gabriel da Silva

Título: Práticas religiosas e multiculturalidade no Egito Romano: uma abordagem a partir da cultura material

Dissertação apresentada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de “Mestre em Ciências”. Programa: Arqueologia.

Aprovado em: 01/11/2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Severina Vasques

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Julgamento: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto, pela disposição como orientador.

Ao Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) pela possibilidade de realização desta pesquisa de mestrado, bem como pela instrução acadêmica em disciplinas de Arqueologia e Museologia.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro concedido através do processo nº 160200/2021-0.

## RESUMO

FIALHO, G. S. **Práticas religiosas e multiculturalidade no Egito Romano**: uma abordagem a partir da cultura material. 2023. 85 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Partindo do estudo de uma materialidade relacionada às práticas religiosas no Egito Romano, propusemos investigar as maneiras pelas quais essa temática articula diferentes esferas da vida naquele contexto singular, tomando o culto imperial como prática principal. Por meio disso, organizamos as atividades de forma a desenvolver o potencial informativo que essa temática poderia oferecer, por sua vez, acerca da sociedade particular para a qual nos voltamos. O intento é também buscar uma ótica mais plural para essas questões ao levá-las a um âmbito provincial do Mundo Romano, já histórica e culturalmente rico por sua multiculturalidade, onde também procuramos levar em conta os pontos de diversidade, agência e identidades envolvidas. Além disso, nossa pesquisa abarca o trabalho com determinadas peças egípcias e romanas de diferentes acervos, incluindo o Mediterrâneo e Médio-Oriente do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo que, em princípio, poderiam contribuir para a investigação desse âmbito, seja pelo estudo epigráfico de inscrições latinas e, ocasionalmente, gregas, ou ainda por considerações envolvendo a iconografia e as especificidades dos diferentes suportes trabalhados.

Palavras-chave: Materialidade. Culto imperial. Práticas religiosas. Egito Romano. Multiculturalidade.

## ABSTRACT

FIALHO, G. S. **Religious practices and multiculturalism in Roman Egypt: a material culture approach.** 2023. 85 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museum of Archaeology and Ethnology, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

From the study of a materiality related to the religious practices in Roman Egypt, we proposed to investigate the ways in which this theme articulates different spheres of life in that particular context, taking the imperial cult as the main practice. That way, we have organized the activities in order to develop the informative potential such theme could offer on the particular society on which we focus. The intention is to also search for a more plural point of view for these issues by considering them in a provincial setting of the Roman World, already historically and culturally rich due to its multiculturalism, in which we also look to consider the aspects of diversity, agency and identities involved. Furthermore, our research involves the work with selected egyptian and roman artifacts from the Mediterranean and Middle-Eastern Collection of the Museum of Archaeology and Ethnology of the University of São Paulo which, in theory, could contribute to the investigation at hand, by the epigraphic study of Latin and greek Inscriptions or even by considerations regarding the iconography and the unique aspects of the objects we analyzed.

Keywords: Materiality. Imperial cult. Religious practices. Roman Egypt. Multiculturalism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. A PRESENÇA ROMANA NO EGITO E ALGUNS DESDOBRAMENTOS.....</b>	<b>11</b>
<b>2. A MATERIALIDADE DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NO EGITO ROMANO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Conectando tema e trajetória.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 Culto imperial como prática religiosa.....</b>	<b>18</b>
<b>3. SELEÇÃO E ANÁLISE DE ARTEFATOS ROMANOS E EGÍPCIOS: UMA BUSCA POR DIÁLOGOS.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 Peças relativas ao culto imperial romano.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1.1 Observação de inscrições e iconografia.....</b>	<b>28</b>
<b>3.1.2 Ausência de inscrições e considerações possíveis.....</b>	<b>66</b>
<b>3.2 Culto doméstico.....</b>	<b>74</b>
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>

## INTRODUÇÃO

Por meio de um estudo da materialidade no Egito Romano, principalmente por meio de estátuas, relevos parietais, moedas e, oportunamente, outros tipos de suporte como estelas e estatuetas, temos como foco tomar como ponto de partida a referida cultura material a fim de atinar com questões de ordem religiosa, política, social e cultural. Neste caso, no intento de desconcentrar o tema, temos o cenário multicultural do chamado “Egito Romano”, termo empregado para se referir à condição de província a que foi submetido o Egito (em latim, *Aegyptus*), após a conquista deste pelos romanos em 30 a.C.

Dessa forma, ao tratar do Egito Romano, destacamos o período que vai desde o início da anexação do Egito por Roma até o fim da dinastia Julio-Claudiana em 68 d.C. A partir daí, investigaremos como os materiais selecionados permitem-nos tratar de diferentes práticas religiosas naquele contexto, como o culto imperial.



MAPA DO EGITO ROMANO E PROVÍNCIAS VIZINHAS (QUANDO DA MORTE DE TRAJANO, em 117 d.C.). Fonte: Ancient World Mapping Center, University of North Carolina (2003).

Fazemos perguntas como: de que forma a materialidade relacionada às práticas religiosas, entendida como documentação, pode contribuir para uma melhor compreensão do contexto mais amplo do Egito Romano? Como a inclusão de discussões ligadas à multiculturalidade nos permite lidar com essa problemática? De que forma os artefatos ligados especificamente ao culto imperial podem viabilizar diálogos entre as realidades de Roma e Egito?

Partimos do pressuposto de que existem particularidades no Egito Romano, que são passíveis de serem estudadas desde seu início, e que podem resultar em originalidades na análise daquele contexto, tendo como fio condutor as práticas religiosas.

Cabe destacar desde já que será parte significativa do esforço de pesquisa a busca constante por diálogos entre diferentes tipos de fontes documentais, sendo elas materiais e textuais, para conduzir a investigação.

Chegamos até a escolha de estudar o tema em questão no mestrado, sobretudo, pela realização de três atividades acadêmicas de pesquisa na trajetória de graduação. São elas: uma primeira iniciação científica que versava sobre as representações numismáticas de Júlio César, após sua pioneira divinização em Roma; a monografia de conclusão de curso, desdobramento da pesquisa anterior, na qual discorreremos sobre o início do ritual de divinização imperial em Roma Antiga; e uma segunda iniciação científica que teve como principal intento dar início ao movimento de transcender a capital do Império, em direção ao Egito, e registrar nossas primeiras e incipientes contribuições para o estudo do culto imperial, além de permitir o lançamento de bases que objetivamos começar a desenvolver a partir daqui.<sup>1</sup>

Na expectativa de ter a oportunidade de desenvolver nossas atividades em uma instituição na qual elas possam se inserir a contento, buscamos o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) como Instituição Sede. Nesse sentido, destacaríamos também o fato de existir aí o Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP), cujo objetivo parece bem abrigar nossa

---

<sup>1</sup> As pesquisas de Iniciação Científica com apoio FAPESP mencionadas são, respectivamente: “A César o que é... de um deus?": construção simbólico-ritual e representações numismáticas do ‘Divino Júlio’” (processo nº 2018/17982-4); e “O culto imperial na província romana do Egito: diálogos entre ritual, poder e materialidade” (processo nº 2020/03966-7).

A monografia de conclusão de curso foi intitulada “Os primórdios da divinização imperial em Roma Antiga: um olhar a partir de representações numismáticas de Júlio César” (apresentada ao IFCH/UNICAMP em 2021).

pesquisa; a atuação de professores que orientam ou já orientaram trabalhos sobre Egito Romano e outros contextos do Egito, indicando a existência de uma tradição no referido laboratório.

Com esses argumentos em mente, tomamos o Egito Romano como o recorte para o trabalho aqui proposto de forma a partir da temática mais específica do culto imperial e lançar mão de novas reflexões. Objetivamos analisar a cultura material relacionada a práticas religiosas, no Egito Provincial Romano, estabelecendo diálogos entre o tema e o referido contexto com vista a alcançar acerca deste uma melhor compreensão acadêmica.

Esta dissertação está planejada de forma a contemplar os eixos de nossa pesquisa e refletir o raciocínio que tem sido seguido na abordagem do tema, articulando-os como um todo.

Isso quer dizer que contamos com uma introdução que contempla o contexto do Egito Romano, pela temática das práticas religiosas e questões correlatas e de sua relevância, pontos que empregaremos com a intenção de oferecer um panorama dos recortes com os quais estamos trabalhando, articulando com a materialidade.

No primeiro capítulo, empreendemos uma contextualização histórica acerca da presença romana no Egito, bem como a apresentação teórica de conceitos-chave que viabilizam nossa argumentação pautada na multiculturalidade e religiosidade.

No segundo capítulo, chegamos à materialidade propriamente dita, a princípio discorrendo sobre a disponibilidade dos materiais, impactos para uma pesquisa como esta e maior detalhamento sobre a especificidade do trabalho, além de desenvolver a ideia de práticas religiosas e de como ela se faz presente em monumentos, objetos votivos, funerários e mesmo mediadores, com as moedas.

No terceiro capítulo, elencamos as peças nas quais nos baseamos para realização deste trabalho e procuramos explorar o potencial informativo dos objetos egípcios do período romano que podem ser associados ao tema. Além disso, separamos moedas que remetem à própria capital do Império (presentes especificamente no Acervo Mediterrâneo e Médio-Oriental do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo) que possam oferecer mais contribuições para esse contexto em que nossas discussões se situam.

Por fim, reservamos uma parte para nossas conclusões, bem como nossas considerações finais.

## 1. A PRESENÇA ROMANA NO EGITO E ALGUNS DESDOBRAMENTOS

Na busca por se trabalhar com o Egito enquanto dominado pelos romanos, cabe uma breve discussão acerca das implicações desse recorte a fim de que possamos, nos capítulos seguintes, melhor situar nosso tema de pesquisa.

Ao se falar de um "Egito Romano", Márcia Vasques o entende como "uma sociedade multiétnica e multicultural" (2013, p. 3) ainda que a população tenha sido predominantemente nativa, haja vista o contato dos egípcios nativos com grupos de diferentes partes do Mediterrâneo, a ocorrência da dinastia Ptolomaica (305 a.C.-30 a.C.) e a conquista romana que colocou o Egito na condição de província imperial de 30 a.C. a 395 d.C. (VASQUES, 2019). Ainda que Augusto tenha se referido a tal anexação com apenas uma simples frase em suas *Res Gestae*, sobremaneira mais vastos seriam os desdobramentos desse evento (HERKLOTZ, 2012).

Cabe destacar que em outro trabalho, Vasques (2019) rejeita as noções de que o Egito passou por processos de "helenização" ou "romanização", mas antes, investe em falar de "emaranhamentos culturais" (STOCKHAMMER, 2012) resultantes do contato entre culturas que acabariam por formar elementos terceiros. Como reforça Hingley (2005), termos como "romanização" são enviesados, tendo sua origem no passado recente entre o fim do século XIX e início do XX, alimentados por ideologias nacionalistas e imperialistas. A fim de nos afastar disso, propomos trabalhar com uma perspectiva que valorize a diversidade cultural, reconhece nela mesma um objeto de interesse, além de abrir espaço para se levar em consideração a agência na vida das pessoas que se estuda, considerando a existência de singularidades provinciais apesar da força do Império.

Na perspectiva de Robert Ritner (1998), a maneira como Roma lidou com *Aegyptus* já implicava em determinadas particularidades daquela província em relação às demais. Exemplos disso, seriam o fato de Augusto não ter deixado o Egito sob controle do Senado, como se fazia de praxe, mas ter indicado que ali seria um *dominion* de César, é dizer, como que um "Estado pessoal" do imperador.

Do ponto de vista administrativo, percebia-se certo isolamento desse território em relação ao restante do Império, incluindo, por exemplo, o fato de que a entrada no Egito, mesmo para senadores, deveriam ocorrer somente com a devida autorização do imperador; a administração da província, neste caso, cabia a um *praefectus* [prefeito] que, em princípio, respondia exclusivamente ao imperador.

Além disso, foi estabelecida uma rígida hierarquização da sociedade, de forma que os cidadãos romanos fossem privilegiados, seguidos pelos cidadãos gregos de *poleis* como Alexandria e, então, na camada mais baixa estariam os egípcios, que eram passíveis de sofrer diversas restrições.

Nesse sentido, há ainda a questão de um novo sistema de pagamento de impostos que, fomentado por Augusto, poder-se-ia dizer que foi hostil para com os egípcios nativos. Enquanto romanos e cidadãos de cidades gregas eram isentos, os egípcios (homens entre 14 e 60 anos) deveriam fazer o pagamento integralmente.

Pensando em termos de religião, que para este trabalho tem especial interesse, Ritner (1998) aponta que a cultura religiosa já existente no Egito se mostrou para Roma como uma oportunidade: a existência de uma veneração ao governante na figura do faraó poderia servir de base para a implementação do culto imperial romano.

No que tange ao trabalho de sacerdotes no Egito, quando da conquista por Roma, a relevância desses atores sociais e de suas funções foi percebida pelas autoridades romanas, que tiveram de negociar com as poderosas instituições religiosas ali presentes (BEARD; NORTH; PRICE, 1998). Ainda, como aponta Sean O'Neill (2011), o clero exercia grande influência sobre o povo, além dos recursos econômicos que estavam à sua disposição; teria sido de interesse estratégico, pois, já na primeira década da conquista romana, procurar manter esse estrato sob controle.

Parece válido, pois, considerar uma abordagem que não necessariamente faça uma distinção entre as coisas e seus significados, mas que questione a validade de se estabelecer essa separação. De acordo com esse ponto de vista, as coisas – como materiais – podem, por si mesmas, ser – e não apenas ter – um significado, sem que algo externo a elas necessariamente se imponha para garantir esse tipo de sentido. Ao fazer isso, poder-se-ia explorar ainda mais o potencial da cultura material como documentação (HENARE; HOLBRAAD; WASTELL, 2007). O estudo das relações sociais pode se debruçar entre coisas e pessoas, de forma que a agência possa ser exercida com relação a coisas, mas também, por elas em determinadas situações sociais.

Da mesma forma, assim como uma pessoa pode exercer uma ação sobre outra, também uma arte pode fazê-lo, mesmo no campo das ideias (GELL, 1998). De forma que o agenciamento se refere não apenas a pessoas movendo o objeto,

mas também ao objeto movendo as pessoas e, por sua vez, afetando suas vidas, inclusive, coletivamente. Dessa forma, é possível tratar ainda dos efeitos disso nas atividades humanas constantes de criação que acabam por implicar na continuidade das coisas; trata-se de um processo ativo (HALLEM; INGOLD, 2007).

Alhures, Octave Debary e Laurier Turgeon (2007) destacam que várias perspectivas contemporâneas que trabalham com a questão da cultura material situam os objetos no cerne das discussões sobre as relações sociais, perspectiva essa que confere a eles também um papel privilegiado na construção do mundo, tendo, pois, parte no decurso da história da humanidade em si.

Já Ian Hodder (2012) destaca a relevância dos estudos acerca da cultura material como parte da reflexão sobre a dependência que as pessoas e a sociedade de maneira mais ampla têm das coisas e materiais (e-vice-versa). No âmbito de determinado contexto, seres humanos e as coisas estabelecem relações ativamente e emergem em meio a essa dinâmica. Em nosso caso, tratamos principalmente dos objetos concretos.

Ainda assim, algo que os pesquisadores parecem destacar com certa frequência ao apresentar um texto sobre o Egito Romano em suas diferentes possibilidades é como ele foi, se não de todo ignorado, pelo menos tratado sem a devida importância por historiadores, arqueólogos e egiptólogos, de maneira mais ampla. Dessa forma, procurar compreendê-lo cada vez mais, ainda que avançando desde um ponto de partida mais específico como fazemos aqui, pode ser um bom caminho para fazer com que esses diálogos não deixem de acontecer e que conhecimento sobre tal siga sendo produzido, divulgado, debatido, e transformado.

Na introdução do livro “The Oxford Handbook of Roman Egypt” (2012), extensa obra de referência sobre o Egito Romano em seus diferentes ângulos, a editora Christina Riggs nota a expansão que tal campo de estudos vem sofrendo nas últimas duas décadas, com a chegada não apenas de novos pesquisadores de diferentes partes do globo, mas também de novas perspectivas de análise e materiais levados em consideração nelas. Entendemos que se trata de uma área em construção, que já conta com expoentes, mas ainda tem muito espaço para receber outros que estejam dispostos a registrar suas eventuais contribuições.

No caso do Brasil isso parece ainda ser mais latente. Em sua tese de doutorado, Júlio Gralha (2009) fala da distinção entre Egito Faraônico, Ptolomaico e Romano, sendo que estes dois últimos vêm sendo distinguidos por pesquisadores

brasileiros, inclusive, nas três décadas mais recentes em detrimento de um “Egito greco-romano”. Segundo este autor, ainda que se possa falar de contribuições feitas por cientistas no âmbito nacional a estudos de Egiptologia, aqueles que publicaram algo sobre Egito Ptolomaico ou Romano nesses termos são minoria.

## 2. A MATERIALIDADE DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NO EGITO ROMANO

Partimos de um interesse em conectar aspectos materiais e aqueles religiosos, políticos, ideológicos, sociais e culturais de Roma e Egito na província em questão. Além disso, procuramos explorar o caráter multicultural do Egito Romano, a fim de ratificar sua relevância e construir um *corpus* documental de suportes variados que articule artefatos provenientes de diferentes acervos museológicos, dentre eles, o do MAE/USP, bem como estruturas monumentais ainda presentes em território egípcio.

Há ainda uma busca por fazer um levantamento sobre a temática das práticas religiosas para problematizá-las a partir da materialidade evocada. O termo em questão - práticas religiosas - foi uma solução que encontramos para nos referirmos ao culto imperial e outras religiosidades diferentes desta que surgissem no decorrer da investigação.

Ocorreu dessa forma tanto por um interesse didático - definição de uma terminologia - como para pontuar que estamos partindo do pressuposto de que a religião efetivamente está na essência dessa temática que estamos analisando e, por meio dela, ocorrem também diálogos com outras esferas, como a política que também é significativa para nosso argumento.

Nesse sentido, para acessar registros de documentação material que reflitam nosso tema, tomamos como ponto de partida a materialidade do culto imperial, mantendo o recorte e buscando diferentes suportes que dialoguem com a proposta de forma a viabilizar as atividades de pesquisa.

A consulta a esses materiais foi feita por meio de do acesso a coleções digitais de instituições museológicas como o The British Museum, Metropolitan Museum of Art e Musée du Louvre; catálogos, como aqueles relativos às peças do MAE/USP e obras de referência como o Roman Provincial coinage (RPC); e a apêndices de textos da bibliografia selecionada que reuniram esses materiais em forma semelhante a pranchas de catálogos, como os de Gregory Dundas (1994), Stefan Pfeiffer (2012), Jodie Martyndale-Howard (2015) e Anouk Van de Water (2016).

## 2.1 Conectando tema e trajetória

Nosso contato com a cultura material está norteado pela percepção de que a arqueologia é um trabalho interpretativo dotado de juízos de valor (sociais e políticos, por exemplo) do pesquisador. Dessa forma, estamos partindo do pressuposto de que o culto imperial tem um fundamento religioso que é inseparável das demais dimensões com as quais esse fenômeno dialoga, como a política.

Isso seria pressuposto pelo exercício crítico de se trabalhar com passado e presente, na medida em que é neste último que o estudo está sendo feito sobre aquele primeiro, transformando-o (SHANKS; TILLEY, 1993). Dessa forma, devemos ver que esse passado, a ser compreendido em parte levando em consideração seus próprios termos, traz consigo um contexto diferente daquele do pesquisador – presente –, o que pedirá um exercício de compreensão de relações internas em termos de “simbolismo, significado, o conceitual, história, (e) ação” (HODDER, 1991, p. 13, tradução nossa).

De acordo com Ian Hodder (1987), falar em empreender um trabalho contextual abarca três tipos de significado simbólico referentes à ao contexto ambiental e comportamental da ação (como efeitos que o objeto tem no mundo à sua volta), estrutura de significados nos quais os objetos estão inseridos para que sejam traçadas interpretações a seu respeito e conteúdo histórico existentes nos significados a partir de uma situação em particular e não necessariamente uma abordagem geral. A cultura material é formada por meio de significados, os quais ocorrem dentro de um determinado contexto. Além disso, é ativa, não um mero resultado passivo de ações humanas, raciocínio que também serve para a construção desses significados (HODDER, 1992).

Em outro importante trabalho, Ian Hodder e Scott Hudson (2003) destacam a noção de contexto de um objeto estudado (não apenas artefatos), sendo este entendido como a reunião de dimensões relevantes nas quais ele existe de uma só vez. Com tal proposta metodológica visamos operacionalizar a noção de que a busca por conhecer o contexto arqueológico de que tal objeto provém é fundamental para que desenvolvamos nossas interpretações. A depender do contexto, a maneira como interpretamos um objeto e o significado que atribuímos a ele mudam (e vice-versa); existe aí uma sensibilidade a que os artefatos respondem no que diz

respeito perceber diversidade, diferenças, similaridades e “*desafios locais para significados sociais*” (SHANKS; HODDER, 1995, p. 25, grifo nosso).

Nesse sentido, o trabalho de interpretação envolve tratar dos significados desses objetos, sempre articulando seus diferentes aspectos no contexto histórico e social em que foi produzido (FUNARI, 2014), buscando ainda viabilizar entrecruzamento de informações provenientes dos textos lidos, observação das imagens trabalhadas (referentes a materiais de diferentes tipos) e eventuais dados catalográficos obtidos.

Mas para se trazer ainda um outro ponto de vista relativo a contextualizar objetos, nos casos em que há lacunas quanto à essa informação, como acontece em diferentes peças que retiramos de coleções de museus, inclusive, universitários como o MAE-USP, Robin Osborne (2015) propõe que tomemos isso como uma oportunidade.

Assim, podemos nos concentrar nos dados em que estão disponíveis e em investigar os propósitos a que os objetos teriam servido durante sua circulação, em vez de cultivar uma obsessão pela procura dos contextos arqueológicos nesses casos; considerar também como um museu pode recontextualizar um objeto. Consideramos essa proposta central, pois indica que um trabalho em Arqueologia ainda é viável e pode ser válido, mesmo com deficiências na identificação precisa das proveniências de um artefato.

Assim, destacamos nosso interesse em sistematizar a existência de uma dinâmica da materialidade no contexto estudado e de como tal orientação pode abrir novos caminhos para a pesquisa do culto imperial no Egito Romano a partir da cultura material. Reiteramos que, por ser esse um recorte provincial frente ao Império, propomos que uma ótica contextual agregaria de forma significativa na investigação das particularidades locais ali buscadas.

Para nós, isso significa que, uma vez munidos das imagens a serem trabalhadas, elas serão observadas detidamente como um todo e em busca de elementos pontuais que evoquem o aspecto contextual, respaldado pela bibliografia que nos auxiliará nessa familiarização. As reflexões referentes ao que é conhecido como “Arqueologia da Imagem”, conforme resgatam Gilberto Francisco, Haiganuch Sarian e Fábio Cerqueira (2020), também podem ser úteis em nossa proposta a fim de se trabalhar com as imagens levando em consideração os suportes (dimensões, cores, materiais utilizados, entre características) nos quais estão para se tratar da

materialidade da imagem e, conseqüentemente, atinar com os significados observáveis nessa relação. Esse ponto de vista também pode permitir que trabalhemos cada vez mais a fundo no aspecto do contexto, visto que para uma imagem contextualizada, “(...) o significado da imagem não é pensado a partir apenas das condições históricas de determinado grupo, mas também das condições específicas que precisam a lógica da produção, circulação e recepção desses objetos.” (FRANCISCO; SARIAN; CERQUEIRA, 2020, p. 148)

Para determinados monumentos, de fato fixos ou que se pode conhecer seu lugar de achado – inclusive por meio de relatórios de escavação, quando e se houver –, cabe considerar também o significado da localização específica destes na paisagem urbana, ainda que adentrar nessa abordagem não seja um dos objetivos aos quais esta pesquisa se propõe.

Tendo ao menos adentrado com êxito o estudo do culto imperial no Egito Romano, verificamos uma menor ocorrência de trabalhos acadêmicos que se dedicaram a ele, tanto no Brasil como alhures, segundo nossos levantamentos bibliográficos e atividades de pesquisa indicaram a princípio.

O fato de existir semelhante lacuna em temática que oferece tantas possibilidades por sua heterogeneidade se apresentou como uma rica oportunidade de investigação científica. De certa forma, desde a Antiguidade, historiadores como Suetônio, Tácito, Apiano e Dião Cássio (MCINTYRE, 2019) trataram do culto imperial, mas entendemos que nossos questionamentos possam viabilizar um olhar a partir do qual esse fenômeno veja as formulações teóricas a seu respeito ampliadas e postas em diálogo com um recorte provincial e plural no qual os mundos romano, egípcio e também helenístico estiveram em contato.

Por haver debates atuais e recentes sobre o tema proposto, entendemos ter em mãos algo que esteja em conformidade com o estado da arte da área de atuação na qual buscamos nos inserir. O fato de este estar presente em trabalhos e publicações nas últimas décadas, a despeito do grau de recorrência, também parece demonstrar sua relevância e presença nas atividades da comunidade científica a nível internacional.

## 2.2 Culto imperial como prática religiosa

Ora, se havia a realidade inegável da longevidade de civilizações como a egípcia e sua diversidade étnica e cultural de um lado, de outro estariam os intentos unificadores que pavimentaram o caminho para a própria expansão do Império Romano (VANDORPE, 2012). Além disso, relevante parece ser o ponto de vista de que a cultura material também é capaz de favorecer discussões acerca da construção de identidades em contextos como aqueles de transição e contato (JIMÉNEZ, 2010), algo que, propomos, permitiria uma discussão sobre as respostas egípcias à presença romana e mesmo elementos locais que se eventualmente se sobressaíam a despeito das intenções dos conquistadores.

Tanto que na visão de Janneke de Jong (2016), para se compreender cada vez melhor como os imperadores romanos seriam vistos na província do Egito, cabe trabalhar com referências visuais na cultura material, na medida em que elas fazem parte do discurso pretendido por esses governantes para reforçar seu poder por uma simbologia. Indo mais além nessa discussão, a pesquisadora Anouk van de Water (2016) defende que determinados imperadores teriam ido ao Egito, em diferentes ocasiões e por diferentes motivos, incluindo a manutenção da ordem política e jurídica ou mesmo por interesses turísticos.

A começar por Augusto, o papel da arte imperial no Oriente por meio de estátuas, monumentos e inscrições foi proeminente, sobretudo, até a dissolução da dinastia Júlio-Claudiana com o objetivo de promover o Império Romano por meio da figura do imperador (EID, 1995). No caso específico das estátuas, Carlos Machado (2013) fala, inclusive, de um “hábito estatuário” em que tais monumentos, muito mais do que adereços à paisagem urbana, expressavam relações vigentes na sociedade que os produziu – com o Império Romano, essa prática se expandiu consideravelmente. Já no que diz respeito às moedas, figuravam em sua iconografia os *signa imperii* (PORTO, 2017), símbolos com aqueles relacionados a Augusto, que eram difundidos na medida em que esses objetos circulavam pelo Império levando consigo um discurso servia como propaganda também a favor do culto imperial.

De acordo com Kormikiari e Perissato (2019), as construções públicas encomendadas por Augusto tiveram grande impacto, não apenas em Roma, mas diversos espaços urbanos na extensão do Império. Ainda, para Paulo Martins (2011), em um interessante estudo sobre as representações de Augusto, podemos tomar

imagens como parte da memória coletiva da sociedade da qual provêm, retratos de poder do figurado e uma forma de engrandecê-lo por meio de idealizações; articulariam, pois, passado, presente e futuro enunciativo de uma só vez.

Ainda que haja opiniões divergentes acerca da existência de um culto imperial de fato no Egito Romano, Stefan Pfeiffer (2012) afirma haver evidências arqueológicas e papirológicas que apontam para um culto oficial desse tipo, instituído por Roma. Em termos materiais, fala também de templos como o templo imperial de Augusto em Filas, o *sebasteion* em Alexandria, e a capela imperial em Karnak, dos quais restam ruínas; além da cabeça de Augusto de Meroë que remete ao período inicial da anexação do Egito por Roma (EID, 1995). Já pelo que se pode encontrar em registros de papiros, havia diferentes *sebasteia* (ou *caesarea*) na antiga Canopo, Antinoópolis, Arsínoe, Elefantina, Heptakomia, Heracleópolis, Licópolis (provável), Oxirrinco e Filadélfia (PFEIFFER, 2012).

Mas não se sabe muito acerca dos rituais que teriam acontecido no interior dos *sebasteia/caesarea*, quem deles participava e de que maneira, ainda que se possa tocar no aspecto ritual da temática ao recorrermos a registros das festividades nos calendários e reforçarmos o papel dos templos e das estátuas imperiais, por mais que as evidências ainda sejam fragmentárias (DUNDAS, 1994).

Quanto à presença de imagens (na arte e na arquitetura) em províncias romanas, Martyndale-Howard (2013) e Riggs (2015) denunciam uma falha deixada tanto por classicistas quanto por egiptólogos no estudo desse tipo de representações na província *Aegyptus* – seja para ter um entendimento maior sobre como ela foi dominada, seja para desvendar uma complexa iconografia existente ali, como resultado de séculos de predominância faraônica, ptolomaica e romana, além de buscar relações sociais, trocas e práticas religiosas.

Já havia uma tradição ptolomaica de quase 300 anos no Egito Antigo de se cultuar um governante vivo como um deus, lógica na qual os imperadores romanos passaram a se inserir, mas que naquela região já era muito anterior a eles (PFEIFFER, 2012; GRALHA, 2009). Com o domínio de Alexandre, o Grande e os Ptolomeus, o culto ao governante recebeu também influência helenística. Além disso, a partir do ano 30 a.C., quando aquele território se tornou parte do Império Romano como província, houve outra vez uma mescla de tradições com espaço tanto para a manutenção de certos aspectos como para a mudança de outros (MARTYNDALE-HOWARD, 2013).

Alhures, Gregory Dundas (2002) destaca a importância de se debater os significados por trás dessas representações e, em um sentido mais amplo, defende a religião imperial como uma ferramenta importante para inserir a figura do imperador na mentalidade dos provinciais egípcios e cooptá-los. E no caso específico de Augusto como faraó, sobretudo em relevos de templos e também estelas, Martyndale-Howard (2013) afirma que imagens assim eram recorrentes, convidando-nos a pensar em que medida o *princeps* era visto pelo povo egípcio como um faraó de fato (que havia sido coroado assim com todas as implicações religiosas e políticas resultantes daí).

Ainda assim, não parece conveniente deixar de considerar o que Ittai Gradel (2002) diz sobre a questão de se ter um “deus vivo” do Estado na própria Roma, depois das honrarias divinas recebidas por César como ditador perpétuo e de este ter sido assassinado posteriormente. Com os imperadores, já a partir de Augusto, tal status em vida teria sido evitado e, em princípio, o imperador seria o primeiro (*princeps*), aquele à frente dos demais, portanto não acima deles. Na prática, esta última noção poderá ser problematizada, inclusive por meio do culto imperial.

Competirá a nós destacar como essa perspectiva sobre os faraós difere do que se entendia acerca de quem era o imperador em Roma a fim de pensar nas motivações e implicações, por exemplo, da existência de estátuas de imperadores como faraós. Estas são de grande interesse para a pesquisa, por serem sincréticas de uma forma muito significativa, mas também, como dirá Simon Price (1984), as imagens imperiais não serviam apenas para ilustrar uma ideologia – de maneira secundária –, mais que isso, elas eram parte intrínseca dela. Não apenas no Egito, mas também em outras sociedades antigas, “o uso da imagem como comunicação não-verbal; concentração visual em cerimônias; e de legitimidade nas relações de poder” (GRALHA, 2016, p. 266).

Expandindo nesse raciocínio pelo aspecto político, Louise Revell (2009) aponta que a autoridade do imperador se manifestava por diferentes mecanismos e estruturas que faziam parte do cotidiano das pessoas de forma também a mistificar seu poder a fim de que ele fosse tomado como predestinado e inquestionável, por esse caráter misterioso. Ainda segundo esta autora, nos deparamos com um argumento que valerá a pena ter em consideração: ocupando o imperador o centro de diversas relações de poder (não apenas religiosas e políticas, mas também

sociais, ideológicas, entre outras), o fenômeno do culto imperial poderia ter uma articulação e abrangência ainda maior do que propusemos a princípio.

Houve diferentes concepções acerca da relação entre faraó e divindade ao longo de momentos da tradição milenar do Egito Antigo, desde ser o faraó imagem do Deus na Terra (Reino Antigo) seguido pelo faraó como servo dos deuses, então agindo por assimilação a aspectos considerados divinos até ser identificado como deus e cultuado durante sua vida em determinados períodos. Neste último caso, aqueles faraós que reinaram durante o Reino Novo, a prática de cultuar o governante vivo como deus, tanto sua própria pessoa como por meio um culto a ele, já havia se tornado bem aceita havendo inclusive para eles, o culto privado (SILVERMAN, 1991).

Em um estudo que trata da religião egípcia antiga, Henri Frankfort (2000) explica que, no Egito, o Estado (ou “país”, já que a língua egípcia não tinha uma palavra para expressar “Estado”) – altamente centralizado, aliás – não era tido com uma criação humana entre diferentes formas de organização política possíveis, mas como algo dado pelos deuses com a criação do universo. Encabeçando essa estrutura estava o faraó, fonte única de autoridade, união do cósmico e do humano (CARDOSO, 2012), centro da vida em si, e não apenas da religião (MARTYNDALE-HOWARD, 2013), “filho de Rê, o deus Hórus entre os homens e o deus Osíris entre os mortos” (BRANCAGLION, 2003, p. 64), ou ainda um super-humano que havia sido escolhido por desígnio divino para comandar os assuntos dos homens (FRANKFORT, 2000).

Falando em uma teoria político-religiosa, Ciro Flamarion Cardoso (1990) aponta que perpassando três milênios, mesmo que com determinado grau de variação, o rei era o centro de tudo, um caráter, pois, absoluto de seu reinado e poder. Já entre a primeira e terceira dinastias (2920 a.C.-2694 a.C.), é formada gradualmente uma tradição que gira em torno do rei-deus e, com a quarta dinastia em meados do terceiro milênio, o rei era entendido como centro de todos os poderes. Não necessariamente após o nascimento, mas sim, após ser coroado como tal é que “o rei do Egito assumia seu caráter divino” (FLAMARION, 1990, p. 46), reflexão essa que nos permite reforçar também a relevância da inclusão da coroa dupla (*pschent*) nas imagens de imperadores romanos encontradas em contexto egípcio.

A monarquia divina era um princípio que estava na base das estruturas política, econômica e social do Egito Antigo, tendo sido vontade dos deuses desde os primórdios e conferindo ao soberano poder temporal e espiritual. Ainda que o corpo humano eventualmente perecesse, a divindade em si jamais se esvaia; a posição de governante supremo garantia ao sujeito a imortalidade; era seu aspecto divino (um *ka*, neste caso, da realeza) que seria cultuado, em detrimento de sua forma humana mortal (BELL, 1997).

Há que se reconhecer a função mágica substitutiva da arte egípcia, representando deuses e homens com presença notável da figura humana, mas também podendo haver símbolos, paisagens naturais, animais ou cenas do cotidiano (BRANCAGLION, 2003). O pensamento dos antigos egípcios tinha os processos de desenhar ou esculpir, por exemplo, um sentido não apenas estético, mas ligado à religião, criando objetos que conectavam os seres humanos com o plano divino. Os templos se referiam à casa dos deuses na Terra; sua manutenção e a realização de cultos reverberavam na preservação da ordem pretendida pelos deuses (*maat*).

Nesse sentido, também a estatuária transcendia um simplório uso como mero adorno, mas “para os egípcios antigos as estátuas possuíam três funções: tornava visível o invisível, fazendo com que as forças divinas se incorporassem nas imagens dos deuses. Tornava os ausentes presentes, possibilitando ao faraó estar em todo o Egito ao mesmo tempo por meio de suas estátuas. Dava vida aos mortos, incorporando o espírito do morto (*ka*) à sua imagem possibilitando-lhe receber as oferendas e os rituais” (BRANCAGLION, 2003, p. 18).

Portanto, esta pesquisa busca empreender uma “arqueologia do culto imperial no Egito Romano”, ao mesmo tempo, procurando abarcar as interseções aí possíveis entre religiosidades, ideologias, identidades e política, vale reforçar, sem abrir mão da diversidade cultural que permeia o contexto e confere a ele seu significado específico.

### 3. SELEÇÃO E ANÁLISE DE ARTEFATOS ROMANOS E EGÍPCIOS: UMA BUSCA POR DIÁLOGOS

Em se tratando do acervo arqueológico do MAE/USP, aponta Antonio Brancaglione (2017), que os objetos da coleção egípcia apresentam, sobretudo, caráter funerário e votivo perpassando desde a Pré-História daquela sociedade até o Período Romano. De acordo com este autor, esses artefatos oferecem um potencial científico para estudo de crenças e práticas religiosas e artísticas do Egito Antigo, com destaque para as camadas sociais não pertencentes às elites, mas também incluindo estas últimas e a realeza, bem como para reflexões referentes à confecção dos objetos em si e, ainda, para estudos referentes à escrita hieroglífica.

Já no que tange às coleções de moedas, há cunhagens dos períodos da República e do Império Romano (neste caso, abrangendo de 312 a.C. a cerca de 455 d.C.), estando sob guarda do MAE e também do Museu Paulista. As autoras especificam que se trata de 669 moedas que apresentam potencial informativo sobre diferentes setores da sociedade romana, como de imperadores, famílias da elite, mas também englobam cidades provinciais romanas, aludindo a questões de poder e religião, além de economia e identidades locais (FLORENZANO; RIBEIRO; LO MONACO, 2015).

Dessa forma, vemos que buscar contemplar itens das referidas coleções desses acervos e também associá-los a outros suportes existentes alhures seria uma estratégia para a gradual construção de um *corpus* documental direcionador de reflexões. Dessa forma, buscaríamos viabilizar diálogos entre distintas materialidades ao longo da pesquisa como forma de explorar ângulos que, em última instância, contribuíssem para a análise do tema como um todo.

No âmbito do acervo Mediterrâneo e Médio Oriental do MAE/USP, o trabalho busca incluir peças da coleção egípcia e moedas romanas, tomando como base para um levantamento inicial dois catálogos elaborados no âmbito da Universidade em questão: (1) “O Acervo Egípcio do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP” (BRANCAGLIONE, 2017) – destacando, num primeiro momento, peças que remetem ao Período Romano. De acordo com a notação desse primeiro catálogo, seriam as peças:

- I. 7;

- II. 9; II. 10; II.11;
- V. 4;
- VI. 7; VI. 8; VI. 9; VI. 10;

Já para “A Coleção de Moedas Romanas da Universidade de São Paulo” (FLORENZANO; RIBEIRO; LO MONACO, 2015) – a princípio, as moedas imperiais de Augusto, seguindo a numeração de 178 a 186 nesse segundo catálogo. Para inclusão do restante da dinastia Júlio-Claudiana, selecionamos ainda as moedas de numeração 192 a 199; 201 a 211; 213-214; e 216-224.

As moedas indicadas no parágrafo anterior estão identificadas no catálogo como sendo provenientes da casa monetária de Roma. No entanto, a fim de contemplar moedas imperiais em contexto mais diretamente pertencente ao Egito Romano, consultamos ainda a versão *online* do catálogo *Roman Provincial Coinage* (RPC), que retornou de maneira mais expressiva resultados compatíveis com esses parâmetros.

Por questões de controle da quantidade de objetos, levamos em consideração apenas as moedas que provêm de Roma e Alexandria, no intuito de utilizá-las para formular reflexões que auxiliem na discussão sobre culto imperial, a partir de tipos e legendas numismáticos.

Por isso, além dessa primeira amostra proposta, trabalhar com essas coleções da USP é também uma oportunidade de expandir a documentação material por meio de um exercício dinâmico com o avanço das atividades de pesquisa. Algo que poderia revelar outros materiais que venham a se somar àqueles que elencamos no parágrafo anterior, desde que sejam compatíveis com a linha de raciocínio que orienta a investigação, lançando luz, principalmente, sobre as tradições religiosas egípcias. Com isso, poderia haver uma maior comunicação entre nossos estudos romanistas e os de egiptologia por meio da materialidade, em meio a um tema que articula justamente essas duas áreas de estudo.

Assim como também foram incluídos objetos presentes em instituições museológicas ao redor do mundo, também foram levadas em consideração peças do Acervo Mediterrâneo do MAE numa busca pelas questões que também esses materiais poderiam suscitar para o recorte maior da pesquisa.

Como forma de estabelecer uma divisão entre as peças selecionadas a fim de permitir que sejam abordados e discutidos em blocos, sempre que possível, optamos por dividir este capítulo levando em consideração:

- 1) Conexões diretas com o culto imperial romano:
  - E nestas, a existência ou não de inscrições nas peças - a) quando houver, são levadas a cabo análises baseadas nas epigrafias latina e grega; b) quando não houver, cabem considerações acerca do suporte e, mesmo, inferências sobre o posicionamento de determinado artefato no espaço;
- 2) Pertinência ao culto doméstico e práticas funerárias egípcias.

### **3.1 Peças relativas ao culto imperial romano**

#### **3.1.1 Observação de inscrições e iconografia**

Na observação de peças que contenham inscrições, é importante pontuar a menção a títulos como “*divus*” (divino), “*caesar*” (César), “*pontifex maximus*” (pontífice máximo), “*imperator*” (aquele que comanda; poder militar), “*autokrator*” (aquele que não há ninguém acima), “*theos*” (podendo significar “deus”), “*sebastos*” (“venerável”; termo grego utilizado em referência ao imperador romano) que, no sentido de tratar do culto imperial registram nessas legendas numismáticas a proeminência do imperador e dialogam também com a frente religiosa, associada frequentemente a atribuições políticas.

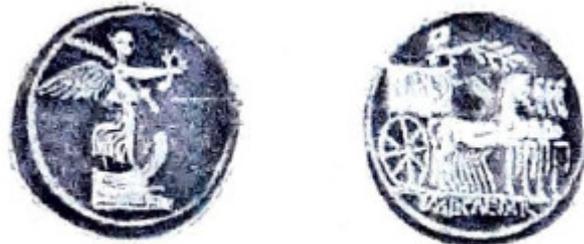
Além disso, em se tratando da iconografia, nos chamados tipos numismáticos, a associação a deuses (com um busto do imperador no anverso e uma divindade no reverso, por exemplo) ou mesmo a honrarias divinas, a exemplo de um altar, permitem observar também mais diretamente a presença do aspecto religioso nos discursos presentes nas amoedações a seguir, além de estelas e bases de estátuas.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 1

Denominação: Moeda (Denário)

Ano / Local: 29-27 a.C., (em Brundísio ou Roma ?)



DENARIUS. RIC 1, 264. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte: FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: N/A

Reverso: IMP CAESAR

Descrição da iconografia:

Anverso: Vitória em pé sobre a proa à direita, com coroa de louros à mão direita e na esquerda, palma apoiada sobre o ombro. Orla lisa.

Reverso: Augusto com ramo de oliveira na mão direita; em pé em quadriga a passo à direita. Orla lisa.

Observações:

Peça de prata, de peso de 3,8 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 2

Denominação: Moeda (Denário)

Ano / Local: 19-4 a.C., em Roma



DENARIUS. RIC 1, 288. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: TVRPILIANVS III VIR FERON

Reverso: CAESAR AVGVSTVS SIGN RECE

Descrição da iconografia:

Anverso: Busto de Ferônia torreada, à direita com colar e brincos. Orla Pontilhada.

Reverso: Guerreiro parta ajoelhado, à d., apresentando a insígnia militar à qual está preso um *vexillum* marcado com X. Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de prata de peso de 3,6 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 3

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 16 a.C., em Roma



AS. RIC 1, 379. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR AVGVSTVS TRIBVNIC POTEST

Reverso: C GALLIVS LVPERCVS III VIR AAAFF ao redor de SC.

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Augusto, à direita Orla Pontilhada.

Reverso: Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de bronze de peso de 9,4 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 4

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 15 a.C., em Roma



AS. RIC 1, 389. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR AVGVSTVS TRIBVNIC POTEST

Reverso: PLOTIVS RVFVS III VIR AAAFF ao redor de SC central

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Augusto, à direita Orla Pontilhada.

Reverso: Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 11,4 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 5

Denominação: Moeda (Quadrante)

Ano / Local: 9 a.C., em Roma



QUADRANS. RIC 1, 422. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: LAMIA SILIVS ANNIVS

Reverso: III VIR A A A F F

Descrição da iconografia:

Anverso: Cornucópia ladeada por SC. Orla Pontilhada.

Reverso: Altar enfeitado com ramos de ouro. Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 3,1 g.

## DESCRIBÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 6

Denominação: Moeda (Quadrante)

Ano / Local: 8 a.C., em Roma



QUADRANS. RIC 1, 423. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: PVLCHER TAVRVS REGVLVS

Reverso: III VIR A A A F F

Descrição da iconografia:

Anverso: Mãos se apertando e segurando um caduceu. Orla Pontilhada.

Reverso: Legenda ao redor de SC.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 2,9 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 7

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 7 a.C., em Roma



AS. RIC 1, AUG, 427. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR AVGVST PONT MAX TRIBVNIC POT

Reverso: P LVRIVS AGRIPPA III VIR A A A F F

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Augusto, à direita. Orla Pontilhada.

Reverso: Legenda ao redor de SC.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 11,3 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 8

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 7 a.C., em Roma



AS. RIC 1, 431. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR AVGVST PONT MAX TRIBVNIC POT

Reverso: M SALVIVS OTHO IIIVIR A A A F F

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Augusto, à direita. Orla Pontilhada.

Reverso: Legenda ao redor de SC.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 11,6 g.

## DESCRIBÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 9

Denominação: Moeda (Quadrante)

Ano / Local: 5 a.C., em Roma



QUADRANS. RIC 1, 464. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: SISENNA MESSALLA IIIVIR

Reverso: GALVS APRONIVS A A A F F

Descrição da iconografia:

Anverso: Altar com guirlanda. Orla Pontilhada.

Reverso: Legenda ao redor de SC.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 2,8 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 10

Denominação: Moeda (Sestércio)

Ano / Local: 22-23 d.C., em Roma



SESTERTIUS. RIC 1, 42. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte: FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: N/A (não se aplica)

Reverso: DRVSVS CAESAR TI AVG F DIVI AVG N PONT TR POT II

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça de dois filhos de Druso sobre cornucópias com um caduceu entre eles.

Reverso: Legenda ao redor de SC.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 25,4 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 11

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 21-22 d.C., em Roma



AS. RIC 1, 45. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: DRVSVS CAESAR TI AVG F DIVI AVG N

Reverso: PONTIF TRIBVN POTEST ITER

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Druso, à esquerda. Orla Pontilhada.

Reverso: Legenda ao redor de SC.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 10,1 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 12

Denominação: Moeda (Sestércio)

Ano / Local: 34-36 d.C., em Roma



SESTERTIUS. RIC 1, 54/60. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Fonte: FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: N/A (não se aplica)

Reverso: TI CAESAR DIVI AVG F AVGVST P M TR POT XXXVI

Descrição da iconografia:

Anverso: Quadriga triunfal, à direita. Orla Pontilhada.

Reverso: Legenda ao redor de SC.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 28,1 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 13

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 22/23-30 d.C., em Roma



AS. RIC 1, 81. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: DIVVS AVGVSTVS PATER

Reverso: PROVIDENT S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça radiada de Augusto, à esquerda.

Reverso: Altar entre SC; legenda PROVIDENT abaixo.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 11 g.

Há duas variantes desta peça na coleção.

## DESCRIBÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 14

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: Roma



AS. RIC 1, 82. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: DIVVS AVGVSTVS PATER

Reverso: S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça radiada de Augusto, à esquerda.

Reverso: Águia de asas abertas entre S C sobre um globo com a cabeça voltada para a direita.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 10,5 g.

Há uma variante desta peça na coleção.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 15

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 37-38 d.C., em Roma



AS. RIC 1, 35. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: GERMANICVS CAESAR TI AVGVST F DIVI AVG N

Reverso: C CAESAR AVG GERMANICVS PON M TR POT

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Germânico, à esquerda. Orla Pontilhada.

Reverso: Legenda ao redor de S C. Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 9,8 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 16

Denominação: Moeda (Sestércio)

Ano / Local: 39-40 d.C., em Roma



SESTERTIUS. RIC 1, 41. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte: FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: C CAESAR DIVI AVG PRON AVG P M TR P III P P

Reverso: AGRIPPINA DRVSILLA IVLIA S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça laureada de Calígula, à esquerda. Orla Pontilhada.

Reverso: As três irmãs de Calígula drapeadas. Agripina, Drusília e Júlia, respectivamente, aludindo à *Securitas*, *Concordia* e *Fortuna*.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 19,6 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 17

Denominação: Moeda (Sestércio)

Ano / Local: 39-40 d.C., em Roma



SESTERTIUS. RIC 1, 44. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte: FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: C CAESAR AVG GERMANICVS P M TR POT PIETAS

Reverso: DIVO AVG S C

Descrição da iconografia:

Anverso: A *Pietas*, sentada à esquerda, segurando uma patera. À direita, uma estátua de mulher na base da cadeira. Orla Pontilhada.

Reverso: Visão frontal de um templo hexastilo, enfeitado de guirlandas com uma quadriga acima. À frente Calígula, togado, sacrifica um touro sobre um altar; um dos presentes segura o touro, o outro, uma patera.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 24,2 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 18

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 39-40 d.C., em Roma



AS. RIC 1, 47. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: C CAESAR DIVI AVG PRON AVG P M TR P III P P

Reverso: VESTA S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Calígula, à esquerda. Orla Pontilhada.

Reverso: Vesta drapeada usando véu, sentada em trono. Na mão esquerda, segurando um cetro, e na direita uma patera. Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 10,7 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 19

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: Roma



AS. RIC 1, 58. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: M AGRIPPA L F COS III

Reverso: S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça de Agripa, à esquerda, com coroa rostral. Orla Pontilhada.

Reverso: Netuno, com manto, segurando um tridente com a mão esquerda e um golfinho com a mão direita.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 10,7 g.

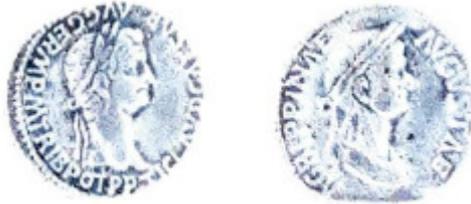
Há duas variantes desta peça na coleção.

## DESCRIBÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 20

Denominação: Moeda (Denário)

Ano / Local: 50-54 d.C., em Roma



DENARIUS. RIC 1, 81. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: TI CLAVD CAESAR AVG GERM P M TRIB POT P P

Reverso: AGRIPPINAE AVGVSTAE

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça laureada de Cláudio, à direita. Orla Pontilhada

Reverso: Busto drapeado de Agripina coroado de espigas. Orla Pontilhada

Observações:

Peça de prata, de peso de 2,9 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 21

Denominação: Moeda (Quadrante)

Ano / Local: 42 d.C., em Roma



QUADRANS. RIC 1, 91. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: TI CLAVDIVS CAESAR AVG

Reverso: PON M TR P IMP P P COS II

Descrição da iconografia:

Anverso: Mão segurando uma balança rodeada pela legenda; legenda PNR abaixo.  
Orla Pontilhada.

Reverso: Legenda ao redor de S C. Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de prata, de peso de 2,9 g.

## DESCRIBÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 22

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 41-50 d.C., em Roma



AS. RIC 1, 95. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: TI CLAVDIVS CAESAR AVG P M TR P IMP

Reverso: CONSTANTIAE AVGVSTI SC

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Cláudio, à esquerda. Orla Pontilhada.

Reverso: *Constantia* com capacete, em pé, segurando uma lança com a mão esquerda e levantando a direita. Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 11,8 g.

## DESCRIBÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 23

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 41-50 d.C., em Roma



AS. RIC 1, 97. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: TI CLAVDIVS CAESAR AVG P M TR P IMP

Reverso: LIBERTAS AVGVSTA SC

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Cláudio, à esquerda. Orla Pontilhada.

Reverso: *Libertas*, em pé, segurando um barrete com a mão direita e levantando a esquerda. Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 10,4 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 24

Denominação: Moeda (Sestércio)

Ano / Local: 41-50 d.C., em Roma



SESTERTIUS. RIC 1, 99. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: TI CLAVDIVS CAESAR AVG P M TR P IMP

Reverso: SPES AVGVSTA S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça laureada de Cláudio, à direita. Orla Pontilhada.

Reverso: A *Spes* caminhando, traz flor na mão direita e levanta sua saia com a esquerda. Orla Pontilhada

Observações:

Peça de bronze, de peso de 23,3 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 25

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 41-50 d.C., em Roma



AS. RIC 1, 100. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: TI CLAVDIVS CAESAR AVG P M TR P IMP

Reverso: S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Cláudio, à esquerda. Orla Pontilhada.

Reverso: Minerva, em pé, lança um dardo com a mão direita e segura um escudo com a mão esquerda. Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 11,6 g.

Há três variações desta peça na coleção.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 26

Denominação: Moeda (Áureo)

Ano / Local: 55-56 d.C., em Roma



AUREUS. RIC 1, 8. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: NERO CAES AVG IMP

Reverso: PONTIF MAX TR P II P P

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Nero, à direita. Orla Pontilhada.

Reverso: Coroa de carvalho e seu interior, a legenda EX S C. Orla Pontilhada.

Observações:

Peça de ouro, de peso de 7,4 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 27

Denominação: Moeda (Dupôndio)

Ano / Local: 64 d.C., em Roma



DUPONDIUS. RIC 1, 204. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte: FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: NERO CLAVDIVS CAESAR AVG GER P M TR P IMP P P

Reverso: VICTORIA AVGVSTI S C II

Descrição da iconografia:

Anverso: Busto radiado de Nero, à direita. Orla Pontilhada.

Reverso: Vitória voando à direita com palma na mão esquerda e coroa na mão direita. Grnetis.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 23,3 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 28

Denominação: Moeda (Asse)

Ano / Local: 65 d.C., em Roma



AS. RIC 1, 312. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: NERO CAESAR AVG GERM IMP

Reverso: S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça laureada de Nero, à direita. Orla Pontilhada.

Reverso: Vitória alada, segurando com as duas mãos um escudo com a inscrição  
S P Q R.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 8,2 g.

Há duas variantes desta peça na coleção.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 29

Denominação: Moeda (Sestércio)

Ano / Local: 66 d.C., em Roma



SESTERTIUS. RIC 1, 329. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte: FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: IMP NERO CLAVD CAESAR AVG GER P M TR P P P

Reverso: ROMA S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça laureada de Nero, à direita. Orla Pontilhada.

Reverso: Roma, sentada voltando-se para a esquerda, usando capacete e vestes militares segurando a vitória com a mão direita e com a mão esquerda sobre um *parazonium*.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 24,5 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 30

Denominação: Moeda (Sestércio)

Ano / Local: 66 d.C., em Roma



SESTERTIUS. RIC 1, 330. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte: FLORENZANO (Ed.); RIBEIRO; LO MONACO (2015)

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: IMP NERO CLAVD CAESAR AVG GER P M TR P P P

Reverso: ROMA S C

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça laureada de Nero, à esquerda. Orla Pontilhada.

Reverso: Roma, sentada voltando-se para a esquerda, usando capacete e vestes militares segurando a vitória com a mão direita e com a mão esquerda sobre um parazonium.

Observações:

Peça de bronze, de peso de 25,9 g.

## DESCRIBÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 31

Denominação: Moeda (Denário)

Ano / Local: 28 a.C., em Brundísio ou Roma (provável)



DENARIUS. RE1 (106) (651) (106); RR2 (537) (244) (537). The British Museum, Londres. Fonte: britishmuseum.org. © The Trustees of the British Museum.

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: CAESAR COS [VI]

Reverso: AEGVPTO CAPTA

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça nua de Augustus e, atrás dele, um *lituus*

Reverso: Crocodilo voltado para a direita.

Observações:

Peça de prata, de peso de 3,6 g. Eixo ou alto reverso: 6 horas.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 32

Denominação: Moeda (Prata)

Ano / Local: 27-28 d.C., em Alexandria



RPC I, 5090. The British Museum, Londres. Fonte: Roman Provincial Contage (online).

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: ΤΙΒΕΡΙΟΣ ΚΑΙΣΑΡ ΣΕΒΑΣΤΟΣ, ΛΙΑ

Reverso: ΘΕΟΣ ΣΕΒΑΣΤΟΣ

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça laureada de Tibério

Reverso: Cabeça laureada de Augusto

Observações:

Peça de prata. Eixo ou alto reverso: 12 horas.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 33

Denominação: Moeda (Bronze)

Ano / Local: 27-28 d.C., em Alexandria



RPC I, 5106. Staatliche Museen, Berlin. Fonte: Roman Provincial Contage (online).

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: N/A

Reverso: ΓΑΙΟΥ

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça radiada de Calígula

Reverso: Crescente

Observações:

Peça de bronze, de peso de 0,66 g.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 34

Denominação: Moeda (Prata)

Ano / Local: 41 d.C., em Alexandria



RPC I, 5113. The British Museum, Londres. Fonte: Roman Provincial Contage (online).

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: TI ΚΛΑΥΔΙ ΚΑΙΣ ΣΕΒΑ ΓΕΡΜΑΝΙ ΑΥΤΟΚ(Ρ), ΛΑ

Reverso: ΜΕΣΣΑΛΙΝΑ ΚΑΙΣ ΣΕΒΑΣ

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça laureada de Cláudio

Reverso: Messalina em pé usando véu e segurando duas figuras pequenas com a mão direita e espigas de milho na mão direita.

Observações:

Peça de prata.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 35

Denominação: Moeda (Prata)

Ano / Local: 56-57 d.C., em Alexandria



RPC I, 5201. Fonte: Roman Provincial Contage (online).

Textos que acompanham as figuras no anverso e no reverso:

Anverso: ΝΕΡ ΚΛΑΥ ΚΑΙΣ ΣΕΒ ΓΕΡ ΑΥΤΟ

Reverso: ΑΓΡΙΠΠΙΝΑ ΣΕΒΑΣΤΗ, ΛΓ

Descrição da iconografia:

Anverso: Cabeça laureada de Nero.

Reverso: Busto drapeado de Agripina.

Observações:

Peça de prata. Eixo ou alto reverso: 12 h.

## DESCRIBÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 36

Denominação: Estela

Ano / Local: --



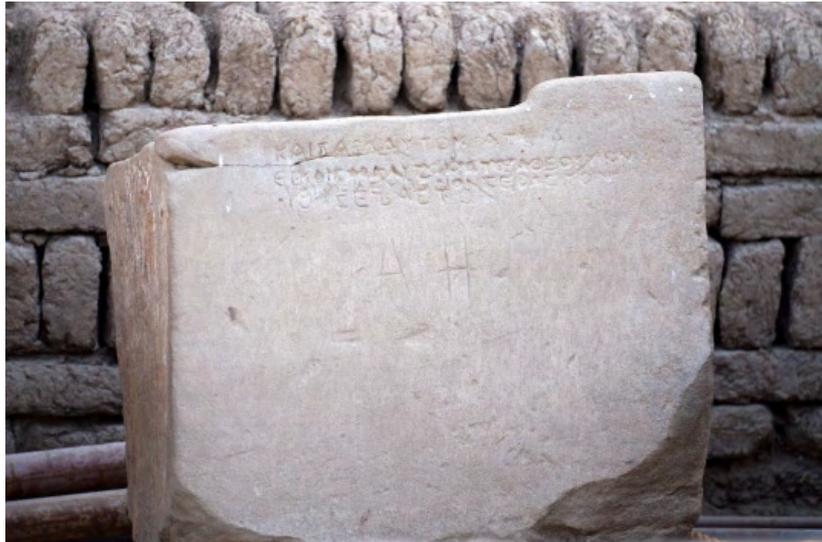
AUGUSTO COMO FARAÓ FAZENDO OFERENDAS AOS DEUSES EGÍPCIOS SOBEK-RE, AMON E QUENUM OU HARSAFÉS. Musée du Louvre, Paris. Fonte: collections.louvre.fr

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 37

Denominação: Estátua (bases)

Ano / Local: --, em Karnak



BASES DE ESTÁTUAS DEDICADAS A AUGUSTO COMO “ZEUS ELEUTHERIOS” EM TEMPLO DE CULTO IMPERIAL. Karnak. Fonte: PETERS (2015)

### 3.1.2 Ausência de inscrições e considerações possíveis

Nas peças desta seção, a observação de relevos parietais presentes em templos, destacado aqui o de Dendur, indicam tanto a associação da figura do imperador a divindades locais quanto a menção em cartuchos a títulos como “*autokrator*” e “*kaisaros*” (*caesar* [César]) para o imperador em cartuchos, novamente trazendo essa dimensão do culto imperial. Cabe notar que os imperadores romanos tinham apenas dois títulos, enquanto os faraós tinham cinco

Seguindo o argumento de que o culto imperial poderia ter encontrado uma base na já existente veneração aos faraós - como mencionamos no primeiro capítulo, a existência de estátuas de um imperador romano como Augusto, representado como faraó pode ser tomada como a materialidade de um intento de introduzir essa ideia na mentalidade das populações locais, indicando que o imperador deveria ser tratado como um faraó. Para fins deste estudo, não está sendo feito um levantamento sobre a receptividade dessa possível mensagem, mas sim possíveis interpretações da intencionalidade que teria pautado essa transmissão.

## DESCRIBÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 38

Denominação: Cartucho

Ano / Local: ~ano 15 a.C., em Baixa Núbia, Dendur



DOIS CARTUCHOS IDENTIFICANDO AUGUSTO COMO AUTOKRATOR (À ESQUERDA) E KAISAROS (À DIREITA). Metropolitan Museum of Art, Nova York. Procedência: Baixa Núbia, Dendur.

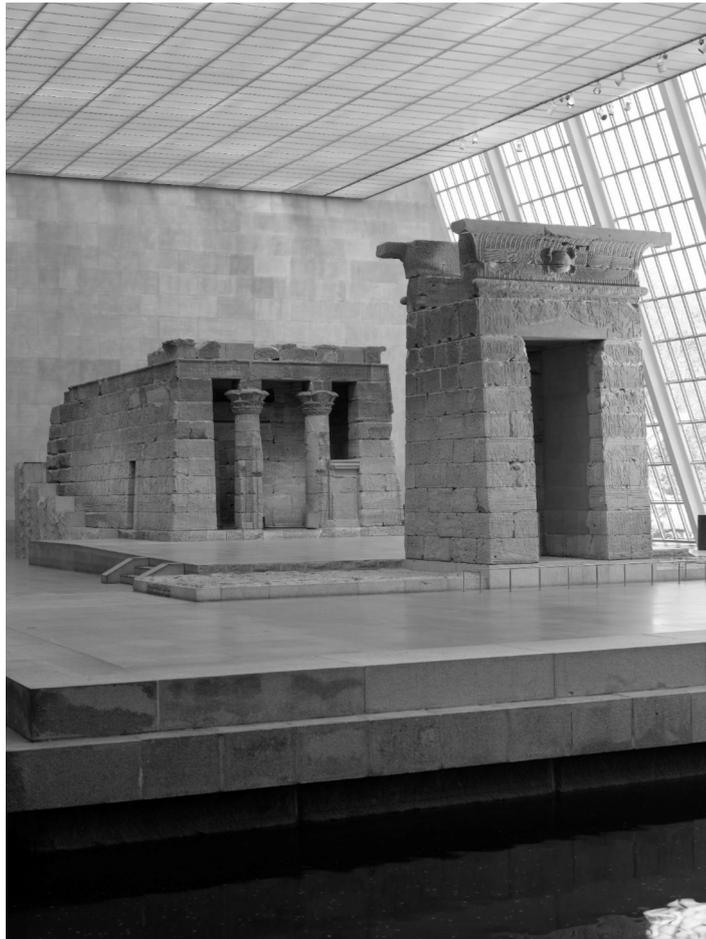
Datação: ~15 a.C. Fonte: MetMuseum.org.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 39

Denominação: Templo

Ano / Local: 10 a.C., em Dendur



TEMPLO DE DENDUR. Datação: 10 a.C. Fonte: MetMuseum.org.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 40

Denominação: Relevo

Ano / Local: ~ano 15 a.C., em Baixa Núbia, Dendur



AUGUSTO (À DIREITA) OFERECE VINHO PARA AS DIVINDADES HARENDOTES (CENTRO) E HATHOR (ESQUERDA). Metropolitan Museum of Art, Nova York. Procedência: Baixa Núbia, Dendur.

Datação: ~15 a.C. Fonte: MetMuseum.org.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 41

Denominação: Estátua

Ano / Local: --



ESTÁTUA DE AUGUSTO COMO FARAÓ. Cairo, Egyptian Museum 701. Fonte: VAN DE WATER (2016).

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 42

Denominação: Estátua

Ano / Local: --



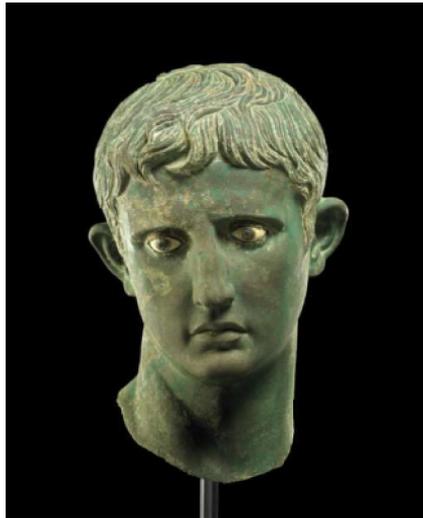
AUGUSTO COMO FARAÓ. Cairo, Egyptian Museum 13/3/15/3. Fonte: VAN DE WATER (2016).

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 43

Denominação: Estátua (cabeça)

Ano / Local: --



CABEÇA DE AUGUSTO DE MEROE. London, British Museum 1911,0901.1. Fonte:  
[britishmuseum.org](http://britishmuseum.org)

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 44

Denominação: Estátua (cabeça)

Ano / Local: ano 27 a.C. – 14 d.C., em Mênfis



CABEÇA DE AUGUSTO. Metropolitan Museum of Art, Nova York. Procedência: Mênfis. Datação: 27 a.C. - 14 d.C. Fonte: MetMuseum.org.

### 3.2 Culto doméstico

Para algumas peças que surgiram no decorrer da análise ainda que destoassem da temática do culto aos imperadores romanos, traziam à tona outro tipo de prática religiosa diferente do culto cívico imperial, mas que cabe reconhecer que existia concomitantemente e não estava pautado pelas mesmas questões que cercavam um culto oficial. No caso, exemplificamos isso por meio de artefatos que remetem ao culto doméstico de divindades como Ísis e Bés, uma vez que o acervo do MAE/USP conta também com esses materiais.

#### DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 45

Denominação: Bronze

Ano / Local: ~ano 404 a 310 a.C. / N/A



ÍSIS LACTANTE. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
BRANCAGLION (2017)

Há uma variante desta peça na coleção.

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 46

Denominação: Terracota

Ano / Local: século I a.C. a 364 d.C. / N/A



BÉS. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte: BRANCAGLION  
(2017)

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 47

Denominação: Rocha calcária

Ano / Local: Século III a século I d.C. / N/A



PLACA VOTIVA COM BÉS. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
BRANCAGLION (2017)

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 48

Denominação: Terracota

Ano / Local: Século I a II a.C.



Ísis. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte: BRANCAGLION  
(2017)

## DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Número de ordem: 49

Denominação: Terracota

Ano / Local: Século II a.C. a século I d.C.



ROSTO FEMININO. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Fonte:  
BRANCAGLION (2017)

Uma vez escolhido o Egito Romano como um recorte da pesquisa pensado para ser desenvolvido na área de Arqueologia, a ideia seria tornar a cultura material o ponto de partida que viabilizasse uma discussão sobre a multiculturalidade desse âmbito. Um de nossos pressupostos de pesquisa foi que esses objetos trariam por si uma fundamentação para essa diversidade que caberia a nós procurar interpretar de forma a construir nossa argumentação

Este trabalho foi pensado inicialmente como uma discussão sobre o culto imperial romano num âmbito de província, a fim de explorar como situações de transição e contato cultural poderiam ser perceptíveis na materialidade.

Escolhemos tratar coletivamente das peças apresentadas, tanto por uma questão de gerenciamento do recurso de tempo, como pelo argumento de que isso nos permitiria fortalecer o argumento da contribuição da cultura material selecionada pela recorrência, semelhança e afinidade de elementos associados a diferentes imperadores.

Procuramos ver como poderia se operar no Egito a simbologia do culto imperial e seus discursos por meio desses objetos e verificar se surgem especificidades nessa associação. Além disso, nos concentramos em pensar em intencionalidade, interesse de se comunicar com grupos locais devido à presença dessa simbologia e participação, por exemplo, das elites daquela região.

Não nos aprofundamos na questão do posicionamento espacial de monumentos e estudos da paisagem, mas ao menos pretendemos tangenciar a visão de que o local que eles ocupavam também funcionava no sentido de dizer algo.

Questões como associação a divindades, honrarias divinas - visíveis em estátuas, relevos parietais e tipos numismáticos, por exemplo -, bem como títulos, - descritos em bases de estátuas e legendas numismáticas - apelaram para um valor religioso intrínseco a esses aspectos e que justificariam o culto à pessoa do imperador (e, mesmo, membros de sua família) e teria, inevitavelmente, uma relevância no sentido político, por exemplo.

Nesse sentido, associar-se a divindades egípcias, às quais, inclusive, há materiais que remetem ao culto doméstico, poderia ser uma forma de um imperador romano ir se posicionando na mentalidade dos autóctones.

A perspectiva de estabelecimento de diálogos tem sido para nós conteúdo não apenas para nas peças, mas também na própria elaboração deste texto, como

forma manter a conexão entre o que foi pensado desde o projeto e as oscilações encontradas no processo de investigação em si.

Sob um aspecto geral, nos pautamos pelo objetivo fazer uma análise de diferentes manifestações da cultura material relacionadas a questões da religiosidade do culto aos imperadores da dinastia Júlio-Claudiana, no contexto do Egito Provincial Romano. Com isso, buscamos destacar o viés da documentação material ao desconcentrar essa temática e desenvolvê-la em um âmbito menos estudado, mas que oferece grande potencialidade para a produção de conhecimento devido a seu caráter culturalmente notável.

Resgatando a maneira como nos organizamos a princípio para que isso fosse factível, nossa pesquisa procurou:

- Conhecer o contexto do Egito como província romana de maneira mais ampla a princípio, inclusive por meio de antecedentes, tendo em vista que é, sobretudo, nele que se opera o fenômeno que norteia a pesquisa;
- Estabelecer diálogos constantes entre aspectos religiosos, políticos, ideológicos, sociais e culturais de Roma e Egito na província em questão;
- Explorar o caráter multicultural do Egito Romano, a fim de ratificar sua relevância epistemológica;
- Fazer um levantamento mais minucioso sobre a temática do culto imperial romano para problematizá-lo como fenômeno, haja vista que ele está no cerne de todo o trabalho a ser empreendido.

## CONCLUSÕES

Este trabalho representa também o desafio de se tratar não apenas do Egito Romano, mas também de conduzir uma investigação que procure articular elementos de diferentes procedências culturais considerando ainda o aspecto da materialidade.

Defendemos que o Egito Romano, conforme a hipótese pensada inicialmente, de fato apresenta originalidades identificáveis quando tomamos como ponto de partida as práticas religiosas. Por meio da cultura material quisemos discorrer sobre como essas originalidades tomam forma no cenário do Egito enquanto província romana.

Destacamos aqui, sobretudo, o culto imperial tomado como representativo dessa religiosidade que pode ser indicativo de fenômenos a um nível mais amplo e dialogar, mais diretamente, com questões de cunho político.

Ao observar elementos presentes nos objetos selecionados e realizar sobre eles uma análise coletiva verificamos que esses materiais apresentam discursos relativos ao Império Romano, mas que estão sendo feitos em um contexto que tem uma tradição milenar e em que essas associações simbólicas adquirem um nível de complexidade ainda maior.

O desafio constante foi de procurar tratar dos diferentes elementos culturais de forma a equilibrar a questão das possíveis intencionalidades dos atores envolvidos na elaboração desses objetos, a singularidade do cenário egípcio e as distintas possibilidades que os variados tipos de suporte oferecem sobre a circulação da mensagem.

Pensamos ainda que a reunião, neste trabalho, dos materiais que formaram nossa amostra e que estão em diferentes partes do mundo e instituições museológicas, incluindo o MAE-USP pode ser útil em termos de destacar a relevância de um conjunto de variados suportes ligados ao Egito Romano e, quiçá, evidenciar suas possíveis contribuições.

Por fim, esperamos que este texto possa ser mais um exemplar que contribua para que, gradativamente, o Egito Romano de maneira mais ampla se mostre a um público cada vez maior de investigadores como uma área que oferece um grande - ainda que, por vezes, complexo - potencial investigativo pela sua diversidade.

## REFERÊNCIAS<sup>2</sup>

### Textos:

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: \_\_\_\_\_; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 39-62.

BEARD, M.; NORTH, J.; PRICE, S. Roman Religion and Roman Empire. In: \_\_\_\_\_. **Religions of Rome: A History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. v. 1. p. 313-363.

BELL, Lanny. The New Kingdom “Divine” Temple: The example of Luxor. In: SHAFER, B. (Ed.). **Temples in Ancient Egypt**. New York: Cornell University Press, 1997.

BRANCAGLION, A. **Manual de Arte e Arqueologia do Mundo Antigo**. Rio de Janeiro: Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, 2003. v. 1. 160 p.

\_\_\_\_\_. **O Acervo Egípcio do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**. São Paulo: Programa de Pesquisa nos Acervos da USP, 2017. 170 p.

CARDOSO, C. F. S. **O Egito Antigo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. 132 p.

\_\_\_\_\_. Baixa Mesopotâmia e Egito. In: \_\_\_\_\_. **Antiguidade Oriental: política e religião**. São Paulo: Contexto, 1990. p. 23-51

DAHLET, V. O proceder da pesquisa: quais as relações entre problemática, dissertação e corpus?. **Letras**, Santa Maria, n. 21, p. 120-130, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/164247/157671/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

DEBARY, O.; TURGEON, L. **Objets et mémoires**. Laval: Presses Universitaires Laval, 2007. 259 p.

DE JONG, J. Emperor Meets Gods: Divine Discourse in Greek Papyri from Roman Egypt. **Collegium: studies across Disciplines in the Humanities and Social Sciences**, Helsinki, v. 20, p. 22-55, 2016. Disponível em: <[https://helda.helsinki.fi/bitstream/handle/10138/161314/03\\_DeJong2104.pdf?sequence=1](https://helda.helsinki.fi/bitstream/handle/10138/161314/03_DeJong2104.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 15 dez. 2019.

DUNDAS, G. S. **Pharaoh, Basileus and Imperator: The Roman Imperial Cult in Egypt**. 1994. 371 f. Tese (Doutorado em Filosofia da História), Universidade da Califórnia, Los Angeles, 1994. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9320646/Pharaoh\\_Basileus\\_and\\_Imperator\\_The\\_Roman\\_Imperial\\_Cult\\_in\\_Egypt](https://www.academia.edu/9320646/Pharaoh_Basileus_and_Imperator_The_Roman_Imperial_Cult_in_Egypt)>. Acesso em: 18 dez. 2019.

<sup>2</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

\_\_\_\_\_. Augustus and the Kingship of Egypt. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 51, n. 4, p. 433-448, 2002. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4436668?seq=1>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

EID, N. **The Roman Imperial Cult in Alexandria during the Julio-Claudian Period**. 1995. 96 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Estudos Clássicos, Universidade de Adelaide, Adelaide, 1995. Disponível em: <<https://digital.library.adelaide.edu.au/dspace/bitstream/2440/110535/1/01front.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FLORENZANO, M. B. B. (Ed.); RIBEIRO, A. M. G.; LO MONACO, V. **A coleção de moedas romanas da Universidade de São Paulo: Museu Paulista, Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: MAE/USP, 2015. 114 p.

FRANCISCO, G. S.; SARIAN, H.; CERQUEIRA, F. V. Retomando a Arqueologia da Imagem: entre iconografia clássica e cultura material. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 40, nº 84, p. 141-165, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbh/v40n84/1806-9347-rbh-40-84-141.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

FRANKFORT, H. The Egyptian State. In: \_\_\_\_\_. **Ancient Egyptian Religion**. New York: Dover, 2000. p. 42-71.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 130 p.

GELL, A. **Art and Agency: An Anthropological Theory**. Oxford: Oxford University Press, 1998. 271 p.

GRADEL, I. **Emperor Worship and Roman Religion**. Oxford: Clarendon Press, 2002. 401 p.

GRALHA, J. C. M. **A Legitimidade do Poder no Egito Ptolomaico: Cultura Material e Práticas Mágico Religiosas**. 2009. 284 f. Tese (Doutorado em História Cultural) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280830/1/Gralha\\_JulioCesarMendonca\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280830/1/Gralha_JulioCesarMendonca_D.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Aspectos da divindade no Egito (Reino Novo): Iconografia e a imagem como elemento de culto nas relações deus-humanidade e deus-faraó. **Revista Mundo Antigo**, Rio de Janeiro, v. 5, nº 09, p. 265-280, maio 2016. Disponível em: <<http://www.nehmaat.uff.br/revista/2016-A/artigo14-2016-A.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

HALLAM, E.; INGOLD, T. **Creativity and cultural improvisation**. Oxford: Berg Publishers, 2007. 237 p.

HENARE, A.; HOLBRAAD, M.; WASTELL, S. **Thinking through things: theorising artefacts ethnographically**. London: Routledge, 2007. 320 p.

HERKLOTZ, F. *Aegyptus Capta: Augustus and the Annexation of Egypt*. In: RIGGS, C. (Ed.) **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 11-21.

HINGLEY, R. Roman Imperialism and Culture. In: \_\_\_\_\_. **Globalizing Roman Culture: Unity, Diversity and Empire**. London/New York: Routledge, 2005. p. 49-71.

HODDER, I. The Contextual Analysis of Symbolic Meanings. In: HODDER, I. (Ed.), **The Archaeology of Contextual Meanings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 1-10.

\_\_\_\_\_. **Theory and Practice in Archaeology**. London: Routledge, 1992. 249 p.

\_\_\_\_\_. **Entangled: An Archaeology of the Relationships between Humans and Things**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2012. 252 p.

\_\_\_\_\_. Interpretive Archaeology and Its Role. **American Antiquity**, Cambridge, v. 56, n. 1, 1991, p. 7-18. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/280968>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

HODDER, I.; HUDSON, S. Contextual Archaeology. In: \_\_\_\_\_. **Reading the past: current approaches to interpretation in Archaeology**. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. p. 156-205.

JIMÉNEZ, A. Reproducing Difference: Mimesis and Colonialism in Roman Hispania. In: VAN DOMMELEN, P.; KNAPP, A. B. (Ed.). **Material Connections in the Ancient Mediterranean**. London: Routledge, 2010. p. 38-63.

KORMIKIARI, M. C. N.; PERISSATO, F. Augusto. In: SILVA, M. A. O.; PORTO, V. C. (Org.). **Imperadores Romanos: de Augusto a Marco Aurélio**. Teresina/São Paulo: LABHAM/UFPI; LARP/MAE/USP, 2019. p. 12-39.

MACHADO, C. A. R. Estátuas e vida cívica: O caso da Tuscia *et* Umbria na Antiguidade Tardia. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, Curitiba, n. 5, p. 50-63, 2013. Disponível em: <<https://www.dialogosmediterraneicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/97/96>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MARTINS, P. **Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto**. São Paulo: Edusp, 2011. 239 p.

MARTYNDAL-HOWARD, J. Augustus: Caesar and god. Varying Images of the first Roman Emperor. In: KLOSE, C.; BOSSERT, L. C.; LEVERITT, W. (Ed.) **Fresh Perspectives on Graeco-Roman Visual Culture Proceedings of an International Conference at the Humboldt-Universität, Berlin, 2nd–3rd September 2013**. Berlin: Humboldt-Universität zu Berlin, 2015. p. 77-86. Disponível em: <<https://edoc.hu-berlin.de/bitstream/handle/18452/2053/martyndale-howard.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MCINTYRE, G. **Imperial Cult**. Leiden/Boston: Brill, 2019. 88 p.

MEDEIROS, J. B. Pesquisa científica. In: \_\_\_\_\_. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 40-53.

O'NEILL, S. J. **The Emperor as Pharaoh: Provincial Dynamics and Visual Representations of Imperial Authority in Roman Egypt, 30 B.C. – A.D. 69**. 2011. 322 f. Tese (Doutorado em Filosofia em Estudos Clássicos) – Faculdade de Artes e Ciências, Universidade de Cincinnati, Cincinnati, 2011. Disponível em: <[http://etd.ohiolink.edu/!etd.send\\_file?accession=ucin1313493890&disposition=inline](http://etd.ohiolink.edu/!etd.send_file?accession=ucin1313493890&disposition=inline)>. Acesso em: 17 jan. 2020.

OSBORNE, R. De-contextualising and Re-contextualising: Why Mediterranean Archaeology Needs to Get out of the Trench and Back into the Museum. **Journal of Mediterranean Archaeology**, v. 28, n. 2, p. 241-261, 2015. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4436668?seq=1https://journal.equinoxpub.com/JMA/article/view/7580>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

PFEIFFER, S. The Imperial Cult in Egypt. In: RIGGS, C. (Ed.) **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 83-100.

PORTO, V. C. O culto imperial e as moedas do império romano. **Revista Phoênix**, Rio de Janeiro, n. 24-1, p. 138-154, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/phoenix/article/view/32348/18275>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PRICE, S. R. F. Images. In: \_\_\_\_\_. **Rituals and power: The Roman imperial cult in Asia Minor**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 170-207.

REVELL, L. **Roman Imperialism and Local Identities**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. 221 p.

RIGGS, C. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 1-10.

\_\_\_\_\_. Egypt. In: FRIEDLAND, E. A.; SOBOCINSKI, M. G.; GAZDA, E. K. (Ed.). **The Oxford Handbook of Roman Sculpture**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 552-568.

RITNER, R.. Egypt under Roman rule: the legacy of Ancient Egypt. In: PETRY, C. (Ed.). **The Cambridge History of Egypt**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. v. 1. p. 1-33.

SEVERINO, A. J. Diretrizes para leitura, análise e interpretação de textos. In: \_\_\_\_\_. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. revista e ampliada. São Paulo: Cortez, 2007. p. 49-65.

SHANKS, M; HODDER, I. Processual, postprocessual and interpretive archaeologies. In: HODDER, I. *et al.* (Ed.). **Interpreting archeology: finding meaning in the past**. London; New York: Routledge, 1995. p. 12-41.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Re-Constructing Archaeology**. 2 ed. London/New York: Routledge, 1993. 312 p.

SILVERMAN, D. P. Divinity and Deities in Ancient Egypt. In: SHAFER, B. (Ed.). **Religion in Ancient Egypt**. London: Cornell University Press, 1991.

STOCKHAMMER, P. Conceptualizing Cultural Hybridization in Archaeology. In: \_\_\_\_\_ (Ed.) **Conceptualizing Cultural Hybridization: a transdisciplinary approach**. Heidelberg: Springer, 2012. p. 43-58.

VANDORPE, K. Identity. In: RIGGS, Christina. (Ed.) **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 260-276.

VASQUES, M. S. Egito Romano: Identidade, Poder e Status Social. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364830898\\_ARQUIVO\\_anpuh.artigo.marcia.vasques.2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364830898_ARQUIVO_anpuh.artigo.marcia.vasques.2013.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2020.

\_\_\_\_\_. Egito Romano: entre tradição, memória e renovação. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 32, p. 120-130, 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/164247/157671/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

WATER, A. V. **The imperial statues of Roman Egypt: Is there a connection between their style, placement and function?**. 2016. 96 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Clássicos e Civilizações Antigas – Egiptologia) – Faculdade de Humanidades, Universidade de Leiden, Leiden, 2016. Disponível em: <<https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/42896/masterthesis%20definitief.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 dez. 2019.

#### **Registros de bancos de dados:**

ANCIENT WORLD MAPPING CENTER. Ancient World Mapping Center Maps. Disponível em: <<https://awmc.unc.edu/maps/>>. Acesso em: 27 Jun. 2023.

METROPOLITAN MUSEUM OF ART. The Met Collection. Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection>>. Acesso em: 12 Fev. 2023.

MUSÉE DU LOUVRE. Louvre Collections. Disponível em: <<https://collections.louvre.fr/>>. Acesso em: 12 Fev. 2023.

ROMAN PROVINCIAL COINAGE. Roman Provincial Coinage Online. Disponível em: <<https://www.rpc.ashmus.ox.ac.uk>>. Acesso em: 31 Jan. 2023.